

Os EUA satisfeitos com a reunião dos devedores

Na primeira reação oficial dos Estados Unidos ao encontro dos 11 países latino-americanos em Cartagena, o subsecretário do Tesouro, Beryl Sprinkel disse ontem que, no seu entender, todos aqueles países indicaram que pretendem continuar servindo suas dívidas e evitar o conflito com os credores.

— Do meu ponto de vista — afirmou — é impossível ver bom crescimento nos países latino-americanos e em outros devedores a menos que tenham acesso aos mercados. Tem de haver um fluxo de recursos dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento. Não acredito que o confronto facilitaria esse fluxo. Portanto, não espero o confronto.

Sprinkel fez essas declarações ao responder pergunta sobre se a reunião de Cartagena poderia ser o preâmbulo de um clube de devedores. O subsecretário do Tesouro afirmou que os Estados Unidos ouvirão atentamente as idéias dos devedores, mas que o ajustamento de suas economias é crucial se quiserem pagar os juros e servir sua dívida, como dizem pretender fazer.

Sprinkel disse compreender a preocupação dos governos latino-americanos. Mas observou: “De fato, é verdade que, quando políticas inadequadas são aplicadas durante muitos anos, como ocorreu em algumas daquelas nações, não existe meio indolor de se fazer o ajustamento. Entretanto, não acredito que possa haver qualquer método que dispense a necessidade do ajustamento.”

Sem disposição

Para ele, todos os planos sugeridos até agora para aliviar o ônus do serviço da dívida envolvem a substituição do crédito privado por recursos públicos dos países industrializados. Mas esses países ricos, lembrou, estão sob grande pressão para reduzir seus déficits orçamentários. Sprinkel disse não existir disposição nos Estados Unidos para aumentar os recursos das instituições internacionais, como o Banco Mundial e o FMI.

Sprinkel opõe-se ao aumento da ajuda estrutural do Banco Mundial, afirmando que tem sido usada para resolver problemas de balanço de pagamentos. Prefere que o Bird retorne às suas atividades de financiador de projetos, deixando as questões de financiamento do balanço de pagamentos para o Fundo Monetário Internacional.

Para Sprinkel, a estratégia seguida até agora para lidar com a dívida externa tem dado resultados. Disse que essa é uma estratégia de médio prazo e que não previra efeitos imediatos. Salientou o exemplo do México, “que começa a expandir”, e disse que o Brasil também “mostra tendências favoráveis”, depois de terem ajustado suas economias.

O subsecretário do Tesouro disse que a recuperação norte-americana propiciou aumento de 2,2 bilhões de dólares nas exportações dos seis principais países latino-americanos para os Estados Unidos. No primeiro trimestre deste ano, afirmou, as exportações desses países para cá cresceram cerca de 30%. As do Brasil aumentaram 54% e as da Argentina, 67,5%.

Mas Sprinkel disse também que esses países devem oferecer incentivos apropriados aos investimentos estrangeiros, como meio de obter divisas. Disse que os investimentos diretos na América Latina declinaram porque as perspectivas de lucro eram pequenas. Entretanto, observou, à medida que o processo de ajustamento dê resultado, esses países representarão outra vez boa oportunidade para os aplicadores privados.

Sprinkel fez uma revelação importante ao afirmar, na resposta a uma pergunta sobre a situação da Venezuela, que “não está escrito nas estrelas que um país só pode ajustar se tiver um programa acordado com o FMI”. Os Estados Unidos ajustaram a sua economia, disse, sem um acordo com o Fundo Monetário. Se a Venezuela ajustar voluntariamente sua economia, se adotar taxa de câmbio realista, controlar sua inflação e estimular suas exportações, então governos e credores privados reagirão favoravelmente. Mas a concessão de reescalonamentos plurianuais ao país — como se faria para o México e o Brasil — depende não só dos esforços que a Venezuela realize para ajustar sua economia, mas dos resultados que consiga.

E a Argentina?

Sprinkel não quis especular se a Argentina pagará ou não juros atrasados até o próximo dia 30. Disse que suas negociações com os bancos prosseguem.

O ministro da Economia argentino, Bernardo Grinspún, estava em Nova York ontem e deverá vir a Washington talvez hoje ainda. Segundo uma fonte argentina, não apenas se avistaria com importantes autoridades financeiras norte-americanas e com o diretor-gerente do FMI, mas com alguém “mais alto”.

Fontes financeiras de Nova York disseram que os argentinos planejavam pagar aos bancos mais uns 200 milhões de dólares de juros atrasados esta semana. Mas isso foi antes do anúncio do aumento dos juros, que foi recebido com indignação pelo governo argentino.

A.M.P.N.